

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA LÍNGUA E NO DISCURSO

Mário Vilela

Centro de Linguística da Universidade do Porto
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

1. Nomes e conceitos

As designações do que costuma ser incluído de modo mais ou menos vago em expressões idiomáticas abrange um amplo leque de rótulos cujos núcleos nominais assentam em *idioma* (idiotismo, idiomatismo), *expressão* (expressão idiomática, expressão figurada), *frase* (frases feitas, fraseologismo, fraseologismo verbal/nominal/adjectival/adverbial, fraseo, frases estereotipadas), *grupo* (grupos fraseológico), *locução* (locução verbal, locução nominal/adjectiva, locuções figuradas), *modo* (modos de falar, modismo), *sintagma* (sintagma fixo e também sintema) e ainda colocações, lexias complexas, solidariedades lexicais e, por vezes, provérbios e ditados (com as respectivas variantes)¹.

1.1. Técnica livre do discurso e discurso repetido

Há duas tendências na língua que podemos designar como técnica livre do discurso e discurso repetido (a “wiederholte Rede” de Coseriu²). A **técnica livre do discurso** é toda a combinação gerada pelas regras combinatórias jogando com as propriedades sintácticas e semânticas, como, por exemplo, as regras que regulam a relação entre verbo e respectivos complementos. Esta liberdade combinatória efectua-se a nível frásico, a nível de grupo nominal, de grupo preposicional, etc. Vamos concentrar-nos no chamado “discurso repetido”. Cai dentro deste conceito todo o conjunto de designações que acabámos de

¹ Para um estudo comparativo das designações em muitas das línguas europeias vide Thun 1978: 2-16. Para o alemão vide Gréciano 1987: 193-106.

² Coseriu distingue entre “técnica livre de discurso” e “discurso repetido” («El “discurso repetido” abarca todo lo que tradicionalmente está fijado como “expresión”, “giro”, “modismo”, “frase”, o “locución” y cuyos elementos constitutivos no son reemplazables o re-combinables según las reglas actuales de la lengua » (Coseriu 1977: 113).

enumerar. É que as designações compreendem factos de língua muito diferenciados e temos de admitir, dentro da boa tradição europeia, que há um centro e uma periferia no fenómeno “fraseologia”³: noção que, ao longo do trabalho, definiremos.

Partimos do princípio de que a expressão idiomática tem uma importância vital na língua: é que a expressão idiomática não se explica pela anomalia nem pelo desvio ou pela derivação relativamente a uma norma, a um significado lexical literal originário. Postos perante a sua constituição, a sua frequência e a sua riqueza, não pode tratar-se de um elemento linguístico marginal e secundário⁴.

2. Fraseologias e fraseologismos / frasesmas

Passo a designar por fraseologia a disciplina que tem como objecto as combinações fixas (diria mesmo, congeladas) de uma dada língua, combinações que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais (ou lexemas)⁵. A definição que damos espelha a que foi feita no grupo – aliás, quase podia mesmo dizer, grupo fundador da fraseologia na Europa – de investigação de Mannheim, que, sob a designação de frasesma, afirmava o seguinte:

«Phraseme sind bedeutungstragende Einheiten der Sprache, die als Ganzes im Verlauf der Rede reproduziert werden, über mindestens zwei Autosemantika verfügen, von denen wenigstens eines eine Umdeutung erfahren hat, und die als Satzglieder fungieren oder sich in den Satz anschliessen, ohne alleine einen

³ «In Anbetrachten der Zusammensetzung des Phraseologischen Bestandes als Teil des Lexikons ist es sinnvoll und zweckmässig, zwischen einem zentralen und einem peripheren Bereich der Phraseologie zu unterscheiden» (Gläser 1986: 45) e «The classes (and sub-classes) of elements should not be regarded as “boxes” with clear-cut boundaries but as formations with a compact core (centre) and with a gradual transition into a diffuse periphery which, again, gradually passes (infiltrates) into the peripheral domain of the next category.» (Danes 1966: 11).

⁴ «L’EI [expression idiomatique] ne s’explique pas par l’anomalie, par l’écart, par la déviation ou par la dérivation par rapport à une norme, à un sens lexical et littéral premier. Vu sa constitution, sa fréquence et sa richesse, l’idiotisme ne peut pas être un signe marginal et secondaire» (Gréciano 1984: 109)

⁵ Aliás é esta a posição dos especialistas das fraseologias: «Se ha abusado del empleo de “expresión idiomática” para todo: desde expresiones fijas..., hasta aquellas vagamente metafóricas com “pay attention” (‘prestar atenção’...)» (Hutchins/Sommers 1995: 158) e «a pesar de que las colocaciones puedan ser más o menos idiomáticas, más o menos transparentes u opacas, ... el hecho es que la existencia de opacidad o idiomaticidad en una construcción incide en su comportamiento sintáctico» (Aguilar Amat 1993: 66) ou ainda «la frecuencia no tiene ninguna validez para considerar una determinada combinación com colocación. El hecho de que el lexema *actividad* se combine frecuentemente con febril es una consecuencia de que estos dos lexemas forman una colocación, no la causa» (Alonso Ramos 1993: 159)

eigenen Text zu bilden.»(Josip Matesic 1983: 111) [os frasemas são as unidades da língua que são reproduzidas em bloco no decurso do discurso, unidades constituídas de (pelo menos) dois autosssemânticos⁶ e em que, no mínimo, um dos autosssemânticos sofre uma transposição e, no seu todo, funcionam como elementos frásicos ou nela se integram, mas sem constituírem por si uma frase.]

Estes frasemas (ou fraseologismos⁷) funcionam como um processo de ampliação do léxico, servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação, ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência quotidiana. As fraseologias têm, como quaisquer unidades lexicais não fraseológicas, carácter de signo e têm por isso uma função nomeadora: nomeiam de modo codificado e sistemático um denotado ou classe de denotados, representando esquemas mentais de objectos ou de estados de coisas. Nesta função nomeadora estamos perante uma nomeação secundária, construída a partir de signos “mínimos”. Para esta nomeação secundária, normalmente, existem já nomeações primárias, só que as fraseologias redescobrem novas propriedades que lexicalizam, apontando, nessa redescoberta, sobretudo, para a esfera da expressividade⁸. O que preferencialmente os fraseologismos lexicalizam são, no chamado léxico mental, as emoções, as atitudes, as interpretações subjectivas, os comportamentos, frequentemente com pendor negativo. Isto equivale a dizer, a nomeação por meio das fraseologias traz sempre uma marca: mesmo que já haja uma nomeação por meio de signos primários, o fraseologismo ou nomeia de forma mais expressiva, ou reforça a expressividade se ela já existir lexicalizada de outra forma. Por isso mesmo se explica a presença abundante em textos predominantemente comunicativos e onde a oralidade predomina. A amplitude estilística e sintáctica, a variedade da semântica dos fraseologismos é bem diferenciada. Estamos a definir os fraseologismos ou, em termos mais tradicionais, as fraseologias em sentido estrito ou o seu núcleo central. Partimos de exemplos do género de duas expressões homónimas:

⁶ Depois veio a admitir-se que não era necessários que os dois elementos fossem autosssemânticos, mas apenas um deles.

⁷ Apoio-me em B. Wotjak 1992. A tradição soviética (depois continuada pela tradição europeia) assenta no mesmo princípio, como confirma Pastor (1995: 80): «sólo constituyen unidades fraseológicas aquellas combinaciones que denominan globalmente um único concepto – con la consecuente inseparabilidad formal de sus elementos y la frecuente idiomatidad semántica – y que funcionan en el discurso de la misma forma que las palabras»

⁸ Não podemos esquecer que, regra geral, os elementos constituintes dos fraseologismos são formalmente comuns (ou homófonos) dos das combinações livres. A divergência formal é excepção e não a regra.

tirar nabos da púcara

- valor de discurso livre: significado literal ou composicional e
- valor fraseológico: tentar descobrir segredos de modo disfarçado

lançar a escada

- valor de discurso livre: fazer descer a escada para que alguém possa subir (salvando-se ou saindo de dificuldade)
- valor fraseológico: tentar descobrir segredos de modo disfarçado (= “tirar nabos da púcara”)

falso alarme

- valor de discurso livre: significado literal ou composicional
- valor fraseológico: sinal tido como certo mas sem correspondência, em qualquer domínio

estar em pulgas

- valor de discurso livre: estar em cima de pulgas com as consequentes comichões
- valor fraseológico: estar agitado/perturbado/em dificuldade

estar em maus lençóis:

- valor de discurso livre: dormir entre lençóis “rascanhosos”, incomodativos
- valor fraseológico: estar em dificuldade

Entendemos assim por fraseologias combinações de palavras (ou grupos de palavras) relativamente estáveis cujo significado global interno de uso difere do significado global externo de uso dos constituintes individuais em combinações livres. No interior das fraseologias as palavras perdem o seu significado individual e constituem em conjunto um significado fraseológico novo, transposto, idiomatizado, isto é, um semema fraseológico (ou mesmo vários sememas fraseológicos). No processo de fraseologização abstrai-se de uma situação concreta por meio da transposição/transferência metafórica, metonímica, entre outras, do significado: a metáfora (*estar em maus lençóis*) através de um traço comum (*tertium comparationis*) entre os sememas de dois denotados (ou classes de denotados), que é designado tradicionalmente como conceito de base e conceito transposto ou como esfera de base e esfera imagética; a metonímia (*dar o braço a torcer*) baseada numa relação de contacto ou contiguidade entre sememas de dois denotados ou de duas classes de denotados⁹.

Nas fraseologias, trata-se de unidades *polilexicais* sistematicamente *estáveis* (pelo menos, relativamente estáveis), que se caracterizam pela *idiomaticidade* (total ou parcial), pela *lexicalização* e *reproduzibilidade* e ainda, no dis-

⁹ Em muitos casos, metáfora e metonímia acompanham-se, como em *dar o braço a torcer*.

curso, caracterizadas por uma alta capacidade textualizadora (capacidade criativa de ligação, de associação e modificação) e por uma capacidade comunicativa muito rica. Tratando-se de signos polilexicais estamos em presença de um grupo muito heterogêneo, com subgrupos estrutural e semanticamente bem diferenciados.

Os critérios comumente usados para identificar os fraseologismos são o da **fixidez**, que consiste na impossibilidade de dissociação de um grupo, o da **idiomaticidade** (ou **semântica composicional nova**), a construção cujo significado não resulta do significado dos morfemas (*tirar nabos do púcaro, partir pedra, trabalhar para o boneco, sem papas na língua, ficar tudo em águas de bacalhau*), o da **tipicidade** sintáctica e semântica, pois além da opacidade semântica, as unidades como tais não entram na composição de outras unidades (*à trouxe-mouxe, sem dizer chus nem bus, cré com cré e lé com lé, cada um com a sua ralé*, o equivalente a *cada macaco no seu galho*). E, quando se fala em **idiomatismo**, pretende-se também indicar que estamos perante uma construção própria de uma língua, sem qualquer correspondência sintáctica noutra língua (*são farinha do mesmo saco, rés-vés campo de Ourique, sem tugar nem mugir, meter o Rossio na Betesga, sem tir-te nem-guar-te, já chegámos à Madeira ou quê?*). Falaremos, primeiro, da fixidez e, depois, da idiomaticidade.

3. Estabilidade, variabilidade, modificação dos fraseologismos

3.1. A variabilidade mais visível

A invariabilidade total das fraseologias tem sido posta em causa: trata-se de uma invariabilidade relativa, como se prova por uma certa variabilidade visível sobretudo no discurso. Por força do contexto, há muitas possibilidades de variação. Por exemplo, em:

«*Alhos e Bugalhos*. [título da notícia] No debate parlamentar de quarta-feira, Paulo Portas perguntou a António Guterres se sabia quantos passaportes foram roubados de consulados portugueses um pouco por todo o mundo... O primeiro-ministro não respondeu à pergunta, mas reagiu agastado, sugerindo até que Portas estaria a fazer o frete a Washington, que esta semana decidiu reapreciar o caso português, ..., por exemplo, em matéria de vistos.... Dá a ideia de que Lisboa mistura alhos com bugalhos e, num jogo de compensações..., pretende cobrar, em vistos, o apoio a Washington na guerra contra o terrorismo.» (*Expresso*, 3.11.2001)¹⁰

¹⁰ Sempre que se indique o contrário, os itálicos são meus.

O frasema *misturar alhos com bugalhos* contrai-se perdendo, no título, o elemento colocativo (ou determinante): *misturar*.

3.2. A variabilidade prevista na norma da língua

3.2.1. A variabilidade através de variantes estruturais

Podemos assim, para já, prescindir das modificações (sintáticas ou semânticas) ocasionais nas fraseologias que ocorrem em textos, as variantes usuais, convencionais e concentrar-nos-emos nas seguintes variantes ou variações sistemáticas, as chamadas **variantes estruturais**, as mudanças morfológicas e sintáticas parciais de cada um dos componentes (variantes da estrutura fraseológica), mantendo-se o significado e a marca diatrática, em que se verifica apenas a substituição de elementos estruturais do fraseologismo, como sendo as variantes em sentido estrito. Assim, distinguimos

- as variantes estruturais, ou variantes que se situam no domínio da gramática (morfologia), como género, diminutivo, superlativo¹¹:

de beijo caído / de beija caída,
fazer olhos / olhinhos a alguém,
ter um bom palminho / palmo de cara,
estar com panos / paninhos quentes,
ter a papa / a papinha já feita,
ter uma palavra / uma palavrinha a dizer,
estar morto / mortinho por;
dar com os burrinhos / com os burros na água,
juntar os trapos / os trapinhos;
ser uma coisinha (coisa) de nada;

- a variação que ocorre entre singular e plural:

arrebitar a orelha / as orelhas;
dar (tudo) em água / águas de bacalhau;
jurar a pé junto / a pés juntos;

- a variação que se dá entre artigo e possessivo, artigo definido e indefinido ou artigo nulo:

cavar a (sua) (própria) sepultura,
dar a última palavra / a sua última palavra,
enfiar o / um barrete a / em alguém,
armar um banzé / armar banzé;
ver (a) luz ao fundo do túnel

¹¹ Devemos ter presente que a graduação se insere num dos núcleos das fraseologias: a expressividade.

- a variação que ocorre nas diferentes formas de negação, ou negação e não-negação:

ter olhos na cara / não ter olhos na cara,
medir / não medir as palavras,
(não) dar pé para algo, (não) ter pé para algo, (não) estar no mesmo pé, (não) perder o pé;
sem papas na língua / não ter papas na língua,
não ter pé para algo / sem pé para algo;
estar dentro / fora da razão;

- as variações que se dão entre preposições (sem que haja alteração de significado):

estar de / com os olhos bem abertos,
ficar de / com os olhos em bico,
trocar algo em / por miúdos;

- as variantes (estruturais) que ocorrem entre sinónimos (em que a sinonímia, quer dos colocativos, quer do núcleo fraseológico, apenas acontece nestes casos):

deitar / lançar achas pr'a fogueira,
de cabeça / viseira caída,
voltar / virar o bico ao prego,
não mexer / mover / bulir/ tocar uma palha,
cravar / espetar os olhos em alguém,
rir até rebentar os cozes / as ilhargas;
sem mais razões / sem mais aquelas;
pôr o pé/ dar um passoluma passada em falso;

- a variação que ocorre por antonímia (isto é, em que a antonímia é possível):

ser boa / má rês,
línguas vivas / línguas mortas,
de cabeça / viseira caída vs. de cabeça levantada / erguida;

- as variantes que são possíveis dentro de um campo lexical homogêneo (isto é, em que há um arquilexema ou conteúdo arquilexemático):

ler / ver / observar/ reler por alto,
ler / ver/ rever / reler pela rama;
ter de gramar / engolir a pastilha,
tomar/ interpretar / compreender... ao pé da letra,
contar / meter / enfiar patranhas (a alguém),
crescer / engordar / enriquecer/ melhorar a olhos vistos,
destruir / desfazer / rasgar... de alto a baixo¹²;

¹² Cfr. Schemman/Schemman – Dias s/d, XXX e s. Estes autores fazem distinções entre o campo

*vir com pezinhos / com passinhos de lã;
 provocar uma guerra / uma zaragata / uma discussão / uma polémica;
 não meter o bedelho / o bico / o nariz onde não se é chamado
 dar / deitar / lançar / jogar pérolas a porcos,
 ensinar o padre-nosso / a missa ao vigário / ao padre
 perder o seu tempo / o seu latim com alguém / algo*

- as variantes que são possíveis dentro de um campo lexical heterogéneo:
*comprar / vender / comer / apanhar gato por lebre;
 ir / levar tudo raso;
 gastar dinheiro à tripa forra / à larga / à farta / às mãos cheias / a rodo*¹³;
- as variantes que ocorrem no domínio das denominadas séries fraseológicas (isto é, as séries formadas por conjunto de verbos que percorrem um conteúdo que configura vários estados de coisas do género “causatividade – estado – cessação de estado”):
*estar / trazer / colocar / pôr algo / em pé de guerra;
 procurar / dar / ter pé para (“pretexto”);
 ter / dar / receber luz verde para qualquer coisa;*
- as variantes que ocorrem no que podemos denominar como conversivos:
*comprar / vender por atacado e comprar vender a retalho / a varejo*¹⁴.

Há finalmente variantes e variações em que o nível de língua (a situação) condiciona a escolha e em que há quase sinonímia estrutural, existindo assim variação diastrática:

*cair na armadilha / na esparrela / na ratoeira / na rede,
 como manda o figurino / a cartilha / a sapatilha,
 de orelha murcha / caída,
 não ir á bola com alguém / não ser santo da sua devoção / não ir no meu carrinho à missa,
 trabalhar para o boneco / para o bispo,
 ir na cantiga / na conversa / no paleio de alguém.*

Temos também variações em casos – e estamos ainda no domínio das variantes em sentido estrito – em que

semântico em que se situam as alternativas possíveis (campo homogéneo, em que há um arquilexema comum, e campo heterogéneo, em que não é possível encontrar um denominador comum).

¹³ Por vezes a alteração plural-singular parece vir afectar o valor de fraseologia: *saber umas coisinhas / uma coisinha de alguém*, etc.

¹⁴ Mas não é possível o converso em *vender banha da cobra*. Os conversos, por vezes, fazem parte do mesmo conjunto fraseológico, como em *ir por lã* e *vir tosquiado*.

- as variações se verificam pela presença / ausência de elementos actanciais em fraseologias verbais ou em que há violação das restrições no uso normal (da combinação livre):

*estar com os olhos em alguém / com os olhos postos em alguém vs.
pôr os olhos em alguém,
pôr alguém no olho da rua vs. pôr alguém na rua,
dizer das boas e das bonitas a alguém,
dar banhada*¹⁵;

- a variação da expressão fraseológica representa a violação das regras combinatórias livres pela mudança de categoria de circunstâncias que passam a actantes obrigatórios (sem a presença desses elementos a expressão deixa de ser fraseológica):

*caíram-lhe/me os parentes na lama;
caiu-me o coração aos pés;
saiu-me um peso de cima das costas;
pôr-se-lhe o cabelo em pé,
fugir-lhe a boca para a verdade*

- apenas o núcleo fraseológico é variável e os esquemas frásicos são fixos (o determinante ou colocativo):

*fizeste-a boa / fresca / linda;
(alguém) ser fresco / bonito / ...,
(alguém) estar gagá / xéxé/ mais pra l'a do que pra cá,*

Temos vindo a falar das variações. Mas, em princípio, mesmo nas fraseologias em sentido estrito, a amplitude e os graus da fixidez (ou congelamento) podem ser parciais ou totais: há graus de fixidez. A fixidez pode ser definida como um bloqueio do ponto de vista sintáctico (e do ponto de vista semântico). Por exemplo, em *música ligeira* não é possível substituir por *música leve*, ou *música não pesada*. Estas sequências funcionam em bloco e devem surgir, no dicionário, como entradas. O mesmo se diga de *música de câmara*, *carta branca*, *arma branca*, *maré negra*, *magia negra*, *lugar ao sol*, *bater com a porta*. Trata-se de sequências que esgotam o paradigma. É o que designamos por **bloqueio sinónimo**. Temos presente que o processo de substituição no eixo paradigmático serve para identificar as classes gramaticais, as classes semânticas e, entre estas, as classes de sinónimos. No caso de *vinho tinto*, em que, apesar da fixidez, pode haver escolha: *vinho branco*, *vinho rosé*, *vinho verde*, *vinho maduro*. Isto é, a ausência de paradigma é o caso limite da fixidez.

¹⁵ «Combinámos tudo muito bem combinado, mas depois, no dia e hora marcados, o Eduardo [Prado Coelho] deu-me a propriamente dita *banhada* e não apareceu nem telefonou.» (Clara Pinto Correia, Visão 31.10.01)

É claro que para os compostos existe também a restrição: *caminho de ferro* e * *um caminho bom de ferro*. Mas é possível dizer-se: *um bom caminho de ferro*, *um caminho de ferro estragado*, o que constitui uma diferenciação relativamente às expressões congeladas. Os parâmetros de natureza distribucional servem para se calcular as restrições de natureza sintáctica (e semântica). As possibilidades de substituição dependem da natureza dos predicados, que obedecem a restrições muito gerais. Sabemos que nas expressões congeladas não há possibilidade de substituição por sinónimos, como *estar à mão de semear* e * *estar à mão de colher*. Mas há casos em que existem alternativas (ou possibilidades de substituição sinonímica), que, como vimos, designamos como sinonímia estrutural.

3.2.2. Variabilidade como efeito ecóico

Há variações, no texto, por acrescentamento ou redução dos elementos constitutivos das fraseologias, pois o facto de os fraseologismos constituírem expressões memorizadas, o efeito ecóico permite modificações, simplificações, transposições, remotivações:

«*Discurso de Sampaio aos peixes*. [título] Presidente da República vai hoje exortar os deputados a um pacto de coragem para moralizar a vida política» (Independente, 19.11.99) (faz-se eco de *pregar sermão aos peixes*)

«*Contas à moda de Gomes*. [título] Fundação do Porto gastou 2,5 milhões de contos em obras ilegais» (Independente, 19.11.99) (há eco de *contas à moda do Porto*)

«*Fundação à Gomes de lá*. [título]» (a propósito da resposta de Fernando Gomes à notícia de Independente, de 19.11.99 (Independente, 27.11.99) (eco de: *bachalhau à Gomes de Sá*)

«*Bacelar por um canudo*. [título] O afastamento de Pedro Bacelar Vasconcelos do Governo Civil de Braga indignou os socialistas do distrito que discordam das movimentações de Mesquita Machado para que fosse nomeado alguém de sua confiança.» (Independente, 11.11.99) (eco de: *ficar a ver Braga por um canudo*)¹⁶

3.2.3. Falsa variabilidade ou variação de valência/regência

Para além das variantes fraseológicas do sistema (variações estruturais) e modificações no discurso, devemos ainda distinguir unidades estruturadas lexical e morfossintacticamente de modo (quase idêntico) que transportam significados diferentes e que pode levar intralingualmente aos falsos amigos, mas em que a *divergência* ou provém da variação da preposição ou da valência (em

¹⁶ Dedicaremos um capítulo à desconstrução e reconstrução das fraseologias no discurso.

qualquer dos seus graus de preenchimento dos respectivos lugares argumentais), do género de:

Meter algo ao bolso: “desviar” (além da expressão homófona) vs. *Meter alguém num bolso*: ‘superar’

Estar sobre brasas: “estar em dificuldade” ou “estar ansioso”¹⁷ vs. *Passar pelas brasas*: “dormir de modo leve e rápido”

Encher-se de brios e meter-se em brios (valor quase idêntico, mas com diferenciação aspectual)

Apanhar uma carga d’água / por que carga d’água é que ..?

Dar as cartas e dar cartas (quem dá cartas agora é..)

Não dar cavaco / não dar cavaco às tropas (redução por incorporação)

Alguém faz a ponte entre alguém, vs. *Alguém fazer ponte* (no fim de semana) (Ser) *chapa ganha, chapa gasta* vs. (Ser) *chapa ganha, chapa batida* (simultaneamente metáfora e metonímia).

Nestes casos, a situação, o contexto, o ambiente da comunicação ou o discurso ajudam a desfazer a ambiguidade, especificando o sentido concreto e preciso.

3.2.4. Variabilidade diatópica

Há ainda a variante diatópica, que relativamente ao português, é particularmente relevante: tenha-se em conta a dimensão e diversidade dos países que têm o português como língua materna ou como língua oficial. Assim,

- Moçambique:
- dobrar os espinhos das micaias [“ultrapassar uma grande dificuldade”]: passar Cabo das Tormentas ou passar o Rubicão (PE) Brasil.
- ter dinheiro como / feito capim / como milho (PE)
- mole e quente é pé de gente (expressão que se diz quando alguém pisa o nosso pé: BR) / o debaixo é meu (PE)
- passar o pé adiante da mão (Ceará) / dar o pé e tomar a mão (PE)
- como quem não quer a coisa (PE), como quem quer não querendo (BR)
- cair na arapunca [PE: cair na armadilha / na esparrela] (PE)
- descascar um abacaxi [ultrapassar uma dificuldade]
- vender por atacado (PE e PB), mas vender a retalho (PE) e vender a varejo (PB)

¹⁷ Há a possibilidade de haver três expressões homónimas: i) a literal, ii) “estar em dificuldade” (transposição metafórica), iii) “estar ansioso” (remetaforização).

Também há variações de região para região, dentro do mesmo país. Por exemplo:

nem fun nem funetas (Trás-os-Montes e Alentejo: pelo menos) e *sem funfas nem funfetas* (na região de Aveiro¹⁸).

3.3. Classificação dos fraseologismos quanto à variabilidade

Não é pacífico dizer-se o que pode ser incluído (ou excluído) em fraseologia: partimos do princípio de que se trata mais de um arquiconceito que abrangeria todos os textos formais constituídos por elementos em cuja realização entram unidades previamente disponíveis e fixas. Teremos textos em que a maior parte dos seus componentes são fixos (além dos tipos de expressões fixas incluídos nas designações que indicámos anteriormente, haveria ainda textos mais ou menos estandardizados como os que se usam para tudo o que tem a ver com informações rodoviárias, com anúncios de falecimentos ou nascimentos em jornais, com as informações estatais e institucionais nas ruas ou repartições públicas, etc.), que se compõem recorrentemente de “partes fixas”, os chamados padrões textuais disponibilizados para tal ou tal efeito. Têm características muito próprias, componentes de conteúdo similar e mesmo constante: são fórmulas ritualizadas de componentes, próprias para determinadas situações, possibilitando a reprodução quase automática dos textos ou de partes do texto para as informações que apenas mudam pontualmente. Isto é, a fixidez compreende um vasto leque de textos ritualizados e rotineiros.

Situando-nos nas fraseologias propriamente ditas, a sua classificação quanto à fixidez, pode ter como ponto de partida a natureza sintáctica (ou textual) das expressões fraseológicas (relativamente às partes do discurso a que pertencem) e o grau de fixidez.

3.3.1. Classificação dos fraseologismos quanto à fixidez

A classificação dos fraseologismos, considerando a fixidez, ou, mais concretamente, a amplitude e o grau de fixidez, e a sua distribuição pelas diferentes categorias gramaticais, compreende:

- sequências em que a fixidez atinge toda a sequência:
 provérbios e máximas (que ficam fora do que designamos por fraseologia):
 de noite todos os gatos são pardos,
 o silêncio é de ouro,

¹⁸ Relativamente ao Alentejo e a Aveiro, informação de Fátima Oliveira e Helena Margarida Mendes, respectivamente.

- frases:
*já não está aqui quem falou*¹⁹
- sequências verbais:
dar o braço a torcer,
ter mais olhos que barriga,
*fazer boa figura*²⁰;
- sequências nominais:
música ligeira, peso morto, mundos e fundos, coisas e coisas, ponto zero,
boinas verdes, capacetes azuis (espécie de soldados)
colarinho branco, curto circuito; arma branca (espécie de pessoas, determinado tipo de arma)
- sequências adjectivais:
são e salvo, feito de encomenda;
surdo como uma porta;
- sequências adverbiais:
de papo cheio;
sem tugar nem mugir;
sem tir-te nem guar-te;
de lés a lés,
ao retardador,
*em rota de colisão*²¹,
a ferro e fogo;
- determinantes nominais:
uma carrada de nomes;
um cabo de cebolas; um dente de alho;
dois dedos de conversa
- fórmulas interjeccionais:
uma ova!, cos diabos!, hom'essa! essa é que é essa!

Isto é, as fraseologias em sentido estrito abrangem todas as categorias gramaticais correspondentes aos autossemânticos.

3.3.2. Classificação estrutural e semântica dos fraseologismos

De acordo com os critérios normalmente adoptados – critérios estruturais e semânticos – vamos tentar desintegrar o conceito de fraseologia:

¹⁹ «Pronto, dou o braço a torcer, já não está aqui quem falou» (Mário de Carvalho – *O nó estatístico*, 3ª ed., Lisboa: Caminho, pg. 61)

²⁰ «derrubar a muralha corporativa portuguesa será mais árduo do que fazer boa figura numa pasta moderna..» (Vicente Jorge Silva – Caro José Sócrates, DN, 17.12.99).

²¹ «Pina Moura e Salgueiro em “rota de colisão”. Finanças desconhecem aumento de capital da CGD» ([título e subtítulo] (Expresso, Economia, 24.12.99).

- **fraseologismos** (núcleo, ou os fraseologismos prototípicos): que depois definiremos melhor tomando como ponto de partida a componente semântica propriamente dita;
- **estereótipos de nomeação**:
 - ocorrências frequentes e prováveis (podendo haver alguma presença da metaforicidade): *opinião pública, estado de direito cara metade, ponto negro*;
 - unidades toponímicas não idiomáticas: *Mar Negro, Universidade Pedagógica, Rio Grande do Sul*;
 - unidades de nomeação não idiomáticas: *pais e filhos, noite e dia, quinta-feira*, etc.
- **fórmulas comunicativas**: fórmulas pré-fabricadas, ritualizadas e habitualizadas, sempre disponíveis para determinadas situações, tais como observações, chamamento, etc., que podem ser
 - totalmente idiomáticas: *aí é que está o gato; o diabo seja cego, surdo e mudo; eu seja cão se ...; mole e quente é pé de gente* (Brasil) equivalendo à expressão: *cuidado, que o debaixo é meu*
 - parcialmente idiomática: *vai ver se chove lá fora, vai passear até ao bilhar grande, isso agora já é outra cantiga, ruço de má pelo*
 - não idiomáticas: *boas festas, no meu entender, como soi dizer-se*
 - **chavões** (phraseoschablonen): estruturas cujo preenchimento lexical é em certos limites variável, mas apresentam uma certa invariabilidade:
 - ombro a ombro, passo a pass;*
 - coisas e coisas;*
 - verdade verdadinha, certeza certezinha;*
 - quem tem tem, quem não não tem não tem;*
 - pão pão, queijo queijo;*
 - ser o bom e o bonito;*
 - ouvir das boas e das bonitas;*
 - por paus e por pedras;*
 - por artes de berliques e berloques;*
 - de cor e salteado*
- **construções com verbo suporte**: trata-se de um grupo bastante heterogêneo quanto ao grau de idiomaticidade e fixidez, compreendendo restrições flexionais (uso do plural), uso sem artigo, em que a maioria é V + N, o verbo serve de suporte e o núcleo predicativo é o nome (normalmente deverbal e abstracto) ou adjectivo. Limitar-nos-emos a indicar apenas as expressões nitidamente fraseológicas:
 - totalmente idiomático:

*pôr uma pedra sobre o assunto,
chegar a mostarda ao nariz,
dar água pela barba,
perder a cabeça;*

- parcialmente idiomático e em que o verbo suporte tem valor essencialmente aspectual:

*romper a chorar,
desatar a correr,
largar a proferir insultos (contra toda a gente);*

- parcialmente idiomático:

*fazer um ajuste de contas,
pôr alguém a nú / a descoberto,
pôr-se ao largo.*

3.3.3. As fronteiras entre fraseologismos e composição livre: ou os mecanismos formais de identificação

Quanto à fixidez, as fronteiras entre a fixidez total e a combinação livre pressupõem uma graduação, o que nem sempre permite definições e limitações precisas. Teremos, possivelmente, o último ponto da fixidez nos chamados compostos, que representam o ponto final da fraseologização:

*aguardente, fisioterapia, passatempo, sobremesa;
água-de-colônia, caminho-de-ferro, fim-de-semana, banho-maria,
lugar-comum;
limpa-pára-brisas;
verde-garrafa.*

Depois seguir-se-ão as expressões fixas, em que a diferença entre compostos e frasesmas nem sempre é fácil de estabelecer. Reporto-me a casos como:

*doença mortal, línguas vivas / línguas mortas, tumor maligno / benigno, terceira idade, terceiro mundo, caixa alta (notícia de -), frase feita;
leite gordo / magro / meio gordo;
ataque de coração, angina de peito²², fim de século, moço de fretes.*

Mas põe-se o problema de podermos distinguir com alguma clareza, do ponto de vista formal, expressões como (ser) *o braço direito* (de alguém), *atividade febril*, *ponte aérea*, *ódio mortal*, etc. Em última estância, os critérios

²² Trata-se, em princípio, do que designámos por estereótipos de nomeação ou sintagmas terminológicos.

normalmente apontados²³ deixam sempre alguma margem de insegurança. Do ponto de vista formal há o bloqueio das propriedades transformacionais normais: as construções livres apresentam propriedades transformacionais de acordo com a sua organização interna. Por exemplo, a relação entre um verbo transitivo directo e o seu objecto directo pode ser objecto de várias mudanças de estrutura, com as chamadas transformações. A partir de uma frase como:

O aluno comprou este livro

Pode transformar-se por:

passivização: Este livro foi comprado pelo aluno

pronominalização: O aluno comprou-o

destacamento à esquerda: Este livro, o aluno comprou-o

extracção: Foi este livro que o aluno comprou

relativização: O livro que o aluno comprou

Estas transformações não são admitidas por verbos transitivos directos usados em expressões idiomáticas:

Ele ouviu as últimas e * As últimas foram ouvidas por mim

Ele viu o pão de ló (na mesa)

O pão de ló foi visto por mim (na mesa)

Ele não viu o padeiro

* O padeiro não foi visto por mim²⁴

Os grupos substantivais admitem também alterações de estruturas:

nominalização: Um livro *difícil* → A *dificuldade* do livro

adjunção de advérbios intensivos: Um livro *muito difícil*, um livro *particularmente difícil*

predicação: Este livro *é difícil*

Estas transformações não são possíveis em:

A música ligeira

* A *ligeireza* da música

* Um música *muito / particularmente ligeira*

* Esta música *é ligeira*²⁵

²³ Lexicalização, estabilidade, fixação, congelamento, reproduzibilidade, institucionalização, idiomatidade, frequência (cfr. Pastor 1995: 32-35):

²⁴ Torna-se claro que, na leitura composicional, é possível a passivização

²⁵ Não podemos esquecer que essas transformações são possíveis se devolvermos a “ligeira” o sentido que o adjectivo tem a nível de língua (ou nível genérico do adjectivo)

Recorre-se assim aos chamados critérios formais ou transformações do ponto de vista sintático. Mas as chamadas colocações (os semi-frasemas de Melchuk) oferecem alguma resistência na diferenciação relativamente às fraseologias prototípicas. Comparem-se *prestar atenção* e *perder a cabeça*²⁶, realizados por meio de *O João perdeu a cabeça* e *todos prestaram atenção ao professor*, submetendo ambas as expressões a um amplo leque de testes e obtermos o seguinte resultado:

- passivização:
 - A cabeça foi perdida pelo João (não corresponde á fraseologia)
 - A atenção foi prestada por todos nós ao professor
- adjetivação participial:
 - A cabeça perdida do João (não corresponde á fraseologia)
 - A atenção prestada por todos nós / ele agradeceu-nos a atenção prestada
- relativização:
 - A cabeça que o João perdeu / que perdeu o João (não corresponde á fraseologia)
 - A atenção que vocês prestaram (agradou-me)
- pronominalização:
 - O João perdeu-a (não corresponde á fraseologia)
 - Vocês prestaram-na (e eu gostei)
- modificação adjectival:
 - O João perdeu a paciente cabeça (não corresponde á fraseologia)
 - Vocês prestaram paciente atenção
- modificação nominal:
 - O João perdeu a cabeça da serenidade
 - Vocês prestaram atenção de grande qualidade
- modificação adverbial:
 - O João perdeu a cabeça momentaneamente / intensamente
 - Vocês prestaram atenção intensamente
- determinação:
 - O João perdeu aquela cabeça (não corresponde á fraseologia)
 - Vocês prestaram aquela atenção
- intensificação:
 - O João perdeu muito a cabeça (não corresponde á fraseologia)
 - Vocês prestaram muita atenção

²⁶ Vide Sanromán 2000: 166s.

- “indefinição”:
 - O João perdeu uma cabeça (não corresponde á fraseologia)
 - Vocês prestaram uma atenção (não corresponde à colocação)
- pluralização:
 - O João perdeu as cabeças (não corresponde á fraseologia)
 - Vocês prestaram atenções (não corresponde à colocação)
- presença / ausência de artigo:
 - O João perdeu cabeça (não corresponde á fraseologia)
 - Vocês prestaram uma atenção (não corresponde à colocação)
 - Vocês prestaram a devida atenção

Como vemos, estes testes ajudam à compreensão das restrições transformacionais, deixando contudo a ideia de coesão tanto nos frasemas como nas colocações, só que em grau diferente. Esperamos definir melhor alguns limites ao tratarmos dos critérios semânticos.

4. Idiomaticidade como traço prototípico das expressões idiomáticas

A metaforicidade, entendida em sentido amplo, é tida como o traço característico das expressões idiomáticas (fraseologismos)²⁷. Mas a definição mais comum de **expressão idiomática** ou **idiomatismo** é dada como a sequência que não pode ser traduzida literalmente para outra língua, isto é, não é possível a tradução palavra por palavra, sem que essa expressão não tenha qualquer restrição, nem no plano sintático nem no plano semântico (o sentido não é composicional, não é transparente, mas sim opaco). A tradição aproxima o conceito de **expressão idiomática** do conceito de **giros** a que se atribui sobretudo o valor de expressões próprias de cada língua e que têm de ser aprendidas de cor, onde se incluem expressões idiomáticas e não idiomáticas²⁸ (como, por exemplo, *trocas e baldrocas*). Nem tudo o que é “fixo” na língua entra no “discurso repetido”: os poemas, os provérbios, as canções, as colocações, as solidariedades lexicais, não podem ser alterados, mas não podemos dizer que sejam todos estereotipados, congelados, pois o seu sentido é (ou, pelo menos, pode ser) transparente.

²⁷ «É considerado como exemplo incontroverso para uma expressão idiomática a unidade metafórica, e isto não só segundo os estudos teóricos como também segundo os dicionários e colectâneas destinadas à prática» (Schemann/Schemann-Dias s/d, pg. xxiv)

²⁸ Incluímos em “giros” não apenas as chamadas expressões idiomáticas, mas também expressões marcadas pragmaticamente para certos contextos. Por exemplo, ao telefone, responde-se à pergunta: «O senhor X está?»; «é ele mesmo /sou eu mesmo», Fr. «lui même», Al. «Am Apparat».

Vamos aceitar, por ser mais operacional, o conceito de **frasema**²⁹ (ou fraseologismo): a unidade fraseológica em que todos os componentes perdem o seu significado individual para construir um significado novo (transposto, metafórico, metonímico)³⁰ ou, numa definição ainda mais clara e completa «[as expressões idiomáticas] son no composicionales: la suma del sentido de sus constituyentes no es igual a su sentido global; son coesivos: sus elementos constituyentes están exigidos unos por otros; resisten, con diferentes grados, a la variación formal; pueden ser ambiguos: algunos tienen una contrapartida homófona composicional.»³¹ Nos exemplos a seguir apresentados, vemos a existência de expressões homónimas e homófonas:

- levantar a cabeça*: valor fraseológico “prosperar”,
 [andar] *à nora*: valor fraseológico [andar] “desorientado”,
 [ser] *o braço direito de*: valor fraseológico: “[ser] o principal auxiliar de”,
colete de forças:
 – valor da expressão homófona / homónima: “peça de roupa usada para dominar os movimentos dos braços”
 – valor da fraseologia: “algo que impede a acção em qualquer domínio”

Um segundo tipo de fraseologismos, conceito próximo do que Melchuk chama **semi-frasemas**³² – apenas próximo: pois o semi-frasema de Melchuk está mais próximo do que nós designamos por colocação – é a unidade fraseológica em que um dos seus elementos conserva o seu valor externo (que tem na técnica livre do discurso) e o outro (ou os outros) abandonando o seu significado de uso externo, tem um outro valor com o qual marca idiomáticamente toda a unidade:

- ódio mortal*: em que *mortal* apresenta o significado “intenso”, “muito vivo”,
mercado negro: em que *negro* tem o valor de “ilegal/clandestino”,
sorriso amarelo: em que *amarelo* tem o valor “forçado”, “contrafeito”, valor que não ocorre em *amarelo* no seu uso externo (como se encontra no dicionário)³³.

²⁹ Apoio-me em Melchuk 1995: 173

³⁰ «Nous appelons phrasème complet un phrasème AB au signifié “C” tel que ce signifié n’inclut ni le signifié de A ni celui de B: ...Exemple: le signifié de +PONT AUX ÂNES+ “banalité connue de tous” n’inclut ni celui de PONT, ni celui d’ÂNE; c’est un phrasème complet (angl. Idiom)» (Melchuk et al. 1995: 46, nota 7).

³¹ Alonso Ramos 1993. 182. Cfr. também Iriarte Sanromán 2001: 175 (alguns destes exemplos são daí extraídos).

³² «Nous appelons semi-phrasème un phrasème AB au signifié “AC” ou “BC” qui inclut le signifié de l’un des constituants, alors que l’autre soit ne garde pas son sens, soit – même s’il garde son sens – n’est pas sélectionné librement.» (Melchuk et al. 1995: 46, noota 7).

³³ Outros exemplos: *chave mestra*, *parede mestra*, *mudança radical*, *vontade louca*, etc.

Nas fraseologias verbais a incidência da idiomaticidade pode dar-se no colocativo:

estalar/ rebentar uma guerra;
conciliar o sono, acariciar uma ideia, acalentar/ alimentar uma esperança;
conduzir uma investigação, proferir um grito / uma sentença (em que há uma determinação específica).

Há uma outra categoria de unidades fraseológicas a que Melchuk chama “quase-frasemas”³⁴, em que a expressão conserva o seu valor composicional, mas a que se acrescenta algo:

tecto falso: que, além de “tecto” e “falso”, tem também o sentido de “para isolar acústica e termicamente”,
cinturão negro: que, além de “cinto” e “negro”, inclui também um sentido: “determinado grau de conhecimento e habilidades marciais”³⁵.

Sintetizando, os frasemas (ou fraseologismos) prototípicos são aqueles em que todos os elementos das expressões perdem o seu significado externo e convergem para a construção do sentido novo, o sentido interno. Partindo da mesma base enciclopédica – *pé* – e comparando as seguintes expressões fraseológicas, dar-nos-emos conta da diferença:

- *estar em pé de igualdade*
- *estar em pé de guerra*
- *tomar algo ao pé da letra*:

temos apenas *pé* com o valor de “fundamento”, “base sobre qual assenta algo” e os restantes elementos são (mais ou menos) de valor igual ao do uso externo. Mas já em

³⁴ «Nous appelons quasi-phrasème un phrasème AB au signifié “ABC” qui inclut les signifiés des deux constituants et un surplus imprévisible “C”. Exemple: le signifié CENTRE COMMERCIAL ‘centre commercial formé de nombreux magasins et de lieux de services, ayant un parc de stationnement ... inclut le sens de CENTRE (lieu où diverses activités sont groupées) et celui de COMMERCIAL “relatif au commerce” plus le composante “formé de nombreux magasins et de lieux de services...”; c’est un quasi-phrasème» (Melchuk et al. 1995: 46, nota 7).

³⁵ Os exemplos são de Sanromán 2001: 182. Mas não concordamos com a sua conclusão: «Como no caso das expressões idiomáticas, e ao contrário das colocações ou semi-frasemas, a não produtividade dos quase-frasemas leva-nos a considerá-los como unidades lexicais e não como combinações de várias unidades» (Sanromán 2001: 182).

- *pôr o pé em falso* e
- *bater o pé* (a alguém)

temos, ao lado do valor da expressão no seu uso externo (expressão homó-fona/homónima da expressão idiomática):

- “colocar o pé no sítio errado” ou
- “bater com o pé no chão...”

o valor fraseológico, envolvendo toda a expressão: “comportar-se de modo errado” e “fazer frente (de modo frontal ou mesmo violento) a alguém / teimar de modo persistente”³⁶. Isto é, no primeiro caso, teremos uma expressão idiomática não prototípica (o quase-frasema de Melchuk) e, no segundo, a expressão idiomática nuclear. Exemplos autênticos de expressões que se apresentam como expressões homónimas são as seguintes:

«Já uma vez escrevi sobre os deveres escolares e está na altura de *rever a matéria dada*. Não porque alguma coisa não tenha mudado no sistema escolar ...» (Trabalhos de casa..., Pública, 21.11.99)

«Os mais irredutíveis da contagem correcta das datas terão de *dar o braço a torcer*: o salto de 1999 para 2000 pode não ser a verdadeira passagem do milénio, mas a febre milenarista *anda à solta*.» (Público, 24.11.99)

«Estamos a *virar a página* na saúde» (Público, 5.11.99)

«Elogiar, no nosso país, equivale a *puxar a brasa à nossa sardinha* – uma das expressões mais estúpidas que há, considerando que presume haver vários concorrentes diante de um braseiro, cada um proprietário de uma sardinha e capaz de variar a aplicação de calor sobre esse seu único peixe, em detrimento dos demais» (MEC, Independente, 11, 11, 99)

«O Dr. Artur Santos Silva *bateu com a porta*» (expressão repetida nos Jornais de 11-14 de Novembro de 1999)

É evidente que poderíamos pensar num tipo de expressões sem qualquer uso externo, em que a desmotivação seja total, como em (sem dizer) *chus nem bus*, (nem) *fun nem funetas / sem funfas nem funfetas*, (comprar) *por atacado*, *cré com cré cada um com a sua ralé*, *às duas por três*. Mas nestes casos, a idiomaticidade (metaforicidade) desapareceu e o processo de fraseologização ficou totalmente oculto, possivelmente estamos, em alguns destes casos, perante um obscurecimento elíptico ou estrutural.

Uma outra espécie de combinatória próxima – como vimos – é o que costuma designar-se por “colocação”, ou quase-frasema, onde podemos envolver

³⁶ Alguns destes exemplos foram extraídos de Schemann / Schemann-Dias s/d.

as combinações frequentes, prováveis, preferenciais ou usuais de palavras ou combinações de palavras aparentemente livres, geradas a partir das regras da língua, mas onde actua um certo tipo de restrição lexical determinada pela norma, as «unidades pluriverbais lexicalizadas e habitualizadas»³⁷.

As colocações – noção próxima do quase-frasema de Melchuk – são combinações [base + colocativo / determinante + determinado] preferenciais com um significado composicional dedutível do significado dos seus membros, mas trata-se também de combinações estáveis. Há, como vimos repetindo, uma relação gradual que vai das combinações livres, passando pelas colocações e terminando nas fraseologias em sentido estrito. Mas tanto as fraseologias como as colocações são reproduzíveis e são combinações estáveis.

Devem também ser mencionadas as chamadas solidariedades lexicais («La solidaridad es la relación entre dos lexemas (pertenecientes a campos lexicais diferentes) de los que el uno está comprendido, en parte o en su totalidad, en el otro, como rasgo distintivo (sema) que limita su combinabilidad.» (Coseriu 1977: 140s), noção que não anda longe da “colocação”, onde podemos incluir exemplos como:

- *nariz aquilino, manteiga rançosa, vinho abafado, cabelo louro, cavalo baio*, etc.
- *zarpar um barco, pestanejar o olho, franzir o sobrolho, calçar/descalçar a bota, menear a cabeça/o corpo*

A noção de solidariedade é mais restritiva do que colocação. Para Coseriu, muitos dos casos apresentados como colocações seriam simples exemplos de norma³⁸. As solidariedades nem são combinações sintagmáticas fixas nem são combinações livres.

5. Fraseologização, desmotivação e remotivação

5.1. Fraseologização como lexicalização

Aos dois pólos apresentados comumente como identificadores e carac-

³⁷ Cfr. Ettinger 1982: 249-258

³⁸ «... o esp. *pan blanco* se opõe ao *pan negro*, que não é negro, e *água salada* a *água dulce*, que é simplesmente não salgada. Trata-se sempre de oposições da norma, que caracterizam os idiomas a que pertencem; assim, o esp. *vino tinto* é vermelho em italiano (*vino rosso*) e preto em servo-croata (*crno vino*)» (Coseriu 1979: 68 e vide ainda 1977: 143-161. Há alguma similitude entre a solidariedade lexical e a “entourage” de Rey-Debove (1971: 207-213)

terizadores da fraseologia – a fixação e a idiomaticidade – Fleischer (1992) acrescenta a lexicalização, no sentido de que as fraseologias são concebidas como unidades léxicas equivalentes às palavras simples, derivadas ou compostas. A lexicalização implica a fusão de várias unidades numa só, em que o resultado aparece como algo terminado, fixado, no fim da linha linguístico. O conglomerado perde determinadas propriedades gramaticais em benefício da fusão mais ou menos integral. A lexicalização equivale a dizer que o frasema / fraseologismo é armazenado no léxico como um todo, em que a construção sintáctica já não reproduz um modelo estrutural produtivo, mas que é reproduzido como uma unidade léxica terminada.

A diferença entre fraseologismo e composto, como já referimos, não é de todo clara³⁹: tanto o composto como o frasema não são signos primários, pois trata-se de uma especialização denominativa. Mas nos compostos há uma deslocação significativa devido a uma mudança de referente; no frasema, há uma metaforização total (ou motivação parcial) operada na combinação livre de palavras. Esta motivação total ou parcial passa por ser o caracterizador primário dos fraseologismos. O composto parece mesmo ser a fronteira onde a lexicalização atinge o limite, como se revela na forma gráfica: na maior parte dos casos há a perda total da individualidade gráfica ou essa quase perda de individualidade fica marcada através do hífen. Acentuamos, uma vez mais, que a delimitação entre frasesmas e compostos é, por vezes, difícil de fazer. Por exemplo, nas expressões importadas como:

– *prima donna, casus belli, bon vivant, rendez-vous, compte-rendu*

ou nas expressões de origem onomatopaica como:

– (é só) *blá-blá, gri-gri, fou-frou, tic-tac*, (explica lá) *tim-tim por tim-tim*,

estamos em presença de frasesmas ou de compostos? Devemos uma vez mais relembrar que a idiomaticidade é indubitavelmente um fenómeno essencial da língua em geral, mas na fraseologia é o elemento definidor por excelência. A identificação entre idiomaticidade e expressões idiomáticas acontece porque se tem dado de idiomaticidade uma definição essencialmente semântica (= o significado da fraseologia não pode ser deduzido do significado das suas partes, em separado, ou em conjunto) e é esse o sentido predominante. Embora os componentes dos fraseologismos surjam com estruturas materiais próprias de significantes linguísticos autónomos, funcionam aqui como figuras (no sentido de Hjelmslev)⁴⁰. Por exemplo, em *lançar raízes*, nem dos seus elementos em

³⁹ Cfr. Fleischer 1982 e B. Worjak 1992.

⁴⁰ Cfr. Zuluaga 1980: 124.

separado, nem do seu conjunto, podemos deduzir “estabelecer-se num lugar” (sinédoque ou metáfora, ou ambos), embora não possamos esquecer que há o homófono / homónimo literal com um significado não figurado.

Concluindo, a fraseologização é o processo pelo qual, graças à fixação (parcial ou total) e nos casos de idiomatidade parcial ou total, se constitui uma unidade fraseológica⁴¹. A expressão fraseológica passa a funcionar em bloco, é que a expressão idiomática é precisamente a lexicalização da relação entre o significado de uma expressão no seu valor não idiomático e o idiomático:

«The fact that a sign can intend one thing without ceasing to intend another, that, indeed, the very condition of its being an expressive sign for the second is that it is also a sign for the first, is precisely what makes language an instrument of knowing.» (Urban. W. M. 1951: 112s.)

5.2. A idiomatidade e a desmotivação/remotivação dos fraseologismos

Normalmente o significado idiomático é o resultado de um processo histórico em que o significado literal e o figurado se foram afastando progressivamente. Há por isso muitos frasemas não motivados: sincronicamente, a motivação é sempre o resultado de uma reflexão *á posteriori*, que ou evocam o sentido literal ou o idiomático. Não se pode dizer que as fraseologias têm a mesma motivação secundária que os compostos. A motivação pode provir do contexto discursivo, em que se joga com a homófona/homónima literal, possibilitando-se uma nova motivação⁴². Ninguém se interroga sobre a origem de qualquer combinação pertencente à técnica livre do discurso, nem mesmo se pergunta sobre o “quando” do seu primeiro uso. Colocar-se o problema da origem de qualquer sequência revela desde logo que essa estrutura não é uma criação regular e livre, que tem uma origem, mesmo que nos seja desconhecida.

O congelamento pode ter uma origem externa e fazer referência a acontecimentos históricos que se tornaram paradigmáticos («*passar o Rubicão*», «*ser mais pobre do que job*»), mitológicos («*o pomo da discórdia*», «(desfazer) o nó górdio», «*limpar as cavalariças de Augias*»), religiosos («*separar o trigo do joio*», «*galinha de ovos de ouro*»⁴³, «*bode espiatório*»⁴⁴), ou constituir reminiscências literárias («*o Amor de Perdição*», «*O Velho do Restelo*», «*Menina*

⁴¹ Cfr. Gurillo 1997: 85-104.

⁴² Cfr. Zuluaga 1980: 126-128.

⁴³ «O turismo continua a ser a *galinha de ovos de ouro* de Goa..» (a nova casta dos “portugueses” de Goa, Pública, 19.12.99)

⁴⁴ «Maria de Belém e Manuel Maria Carrilho tornaram-se os *bodes espiatórios* do Governo Socialista» e «Todas as organizações precisam de *bodes espiatórios*... foram crucificados na praça pública» (José António Saraiva – Política à Portuguesa, Expresso, 18.12.99)

e Moça», «Cavaleiro da Dinamarca», «E tudo o vento levou», «Leal Conselheiro», «Oficial e Cavalheiro»⁴⁵, «Guerra e Paz», «Jangada de Pedra», «Memorial do Convento»).

A fixação representa a inserção de um facto de língua na história dessa língua. É assim possível, em certo modo, determinar a origem histórica de muitas fraseologias (a chamada motivação). Aliás a motivação depende da compreensão da imagem que dimana do significado directo do seu homófono/homónimo literal. As combinações sem homófono /homónimo literal não costumam ser motivadas: aí a motivação depende da recuperação da imagem que originou o frasema. Sejam transparentes ou não, surge assim a definição de fraseologia por força da sua semântica própria: a combinação fixa de palavras que transporta um significado não composicional, ocasionado por recursos como a metáfora, a metonímia, a hipérbole, etc. e por uma motivação graduável que depende tanto das relações internas que estabelece com o significado originário dos seus componentes como das conexões externas contextuais. O carácter fechado, opaco, hermético, é típico das fraseologias, que podem ir buscar uma motivação secundária (ou mesmo servir de alavanca para outras motivações), em que o significado metafórico extrafraseológico dos componentes se desmultiplica. Isto é, pode haver remetaforização, recuperação, no texto, de parte dos valores metafóricos de modo parcial ou total dos frasemas. É que a idiomatidade, a estabilidade ou fixidez, a fraseologização ou lexicalização dos fraseologismos repousam, em última análise, na função da fraseologia, na sua razão de ser na língua. As fraseologias têm por função – como acontece com as unidades da língua deste nível (o léxico) – nomear, mas trata-se, normalmente, de nomear na banda larga da expressividade:

– intensificando:

dizer cobras e lagartos de alguém vs. dizer mal
ter mundos e fundos vs. ser rico
estar em maus lençóis vs. estar em dificuldade
estar em pulgas vs. estar agitado
cair das nuvens vs. ficar surpreendido
não ganhar o totoloto por um pelo vs. quase
às duas por três vs. de repente ...

– refinando a ironia em que o aspecto negativo se acentua:

ter uma arranjinho (“ter um biscate ou um caso com...”)
dar às de vila diogo vs. fugir apressadamente

⁴⁵ Ainda no dia 18.12.99, no Expresso, a propósito do Governador de Macau Rocha Vieira, o Editorial titulava o pequeno mas sumarento comentário com «Oficial e Cavalheiro»

- oh pernas para que vos quero!* vs. fugir apressadamente
estar com a barriga a dar horas vs. ter fome
dar-se como o cão e o gato vs. dar-se mal
entrar por um ouvido e sair por outro vs. não fazer caso de
- apelando para a iconicidade de rima soante, aliteraões:
correr ceca e Meca (à procura de) vs (procurar) por todo o lado
por França e araganzas vs. por todo o lado
nem fun nem funetas vs caladinho
à trouxe-mouxe vs. de qualquer maneira
- suavizando as asperezas da vida:
não é santo da minha devoção vs. é-me indiferente
ser farinha do mesmo saco vs. ser (também) mau
ir desta para melhor vs. morrer
não venhas de garfo que hoje há sopa (Madeira) vs. vem com calma...
ir a trote la galope la toda brida / a toque de caixa vs. correr apressadamente

Como vemos, trata-se de um amplo leque de conotações onde a expressividade tem múltiplos “portais” sempre disponíveis para a ironia, para o implícito, para a inferência, para a avaliação, normalmente, de pendor negativo.

6. Desconstrução/remotivação das fraseologias no texto

6.1. Fixação e desfixação

Em determinados tipos de texto encontramos construções fixas que servem de modelo a outras construções. Costumamos chamar a este processo “desfixação” ou desconstrução de expressões idiomáticas. Os fraseologismos (como aliás acontece com todo o léxico) apenas tem existência no texto, no discurso. Afinal, o léxico representa a massa de que se compõe o texto e, por sua vez, este é o depósito de que aquele se alimenta: «nihil est in lingua quod prior non fuerat in textu»⁴⁶. As fraseologias são uma marca da linguagem da proximidade, da oralidade, da expressividade, da descontração, da horizontalidade discursivo-pragmática. O facto de as fraseologias serem, na quase totalidade, constituídas (e construídas) por elementos comuns às expressões da técnica livre do discurso, fazem parte do saber partilhado, sempre pronto a ser redi-

⁴⁶ «Texts and lexicon are dialectally interrelated. Both cannot exist without each other. Texts, which cannot be understood without an internalized lexicon, are themselves an everactive source of renewal for the word stock of language» e «words help to create texture by exploiting their formal and semantic rule-governed properties» (A. Neubert 1979: 27ss.). Cfr. Aindá B. Worjak 1992: 2.

mensionado, a ampliar-se formalmente, a modificar-se, especificando-se, contraindo-se, descontruindo-se e, assim, servem de apoio à criatividade, à textualização nova e à variação, violentando o seu significado primeiro.

Por outro lado, o jogo paralelo entre os significados das duas expressões homónimas e homófonas – a expressão resultante da combinatória livre e a expressão fraseológica – permite um dimensionamento discursivo intensamente vivo e cheio de apelos ao subentendido, ao aparentemente ocultado mas sempre com o rabo de fora. A transparência da expressão da técnica livre do discurso e a opacidade da expressão fraseológica pertencente ao discurso repetido perfilam-se lado a lado e a língua adquire uma força criadora e instaladora que não seria possível na simples combinatória dentro da técnica livre do discurso.

6.1.1. Desfixação por adaptação ao “cotexto” (contexto imediato)

Em primeiro lugar, há sempre, no uso normal dos frasemas, uma desfixação na adaptação ao cotexto. A variação textual provém, a nível de superfície, pela adequação, por meio da flexão, ao texto:

«*Deitar pérolas a porcos*. [título] Marçal Grilo teve apenas a coragem de *pôr preto no branco* o que todos sussurram à *boca pequena*: “no Parlamento não se pensa muito”; no Parlamento, dos 230 deputados, “talvez 50 sejam pessoas de qualidade” «No Parlamento, entre os deputados, há de tudo – miúdos, ignorantes e tontos”» (José Manuel Fernandes, Editorial, Público, 26.11.2001)
«Pronto, *dou o braço a torcer*, já não está aqui quem falou» (Mário de Carvalho – *O nó estatístico*, 3ª ed., Lisboa: Caminho, 61)

Mas podemos entender flexão no seu sentido amplo, como, por exemplo, as possibilidades intensificadoras por meio do diminutivo ou aumentativo e superlativo:

«Em tal contexto [de jogos eleitoralistas], já é reconfortante ver alguém com responsabilidades *vir a terreiro dar a cara* e defender com clareza o que pensa (...). Após quase duas décadas de luta de uns poucos [possibilidade de candidaturas independentes às autárquicas] ... ela só acabou por se verificar *tardíssimo*, *a más horas* e com a exigência de um absurdo número de proponentes...» (J. Carlos Vasconcelos – Objectivos eleitorais, in: Visão 31.10.2001)⁴⁷.

6.1.2. Desfixação por adaptação ao discurso

O jogo entre o frasema e a sua expressão homófona/homónima provoca na expressão idiomática a remotivação. Isto é, há o lançamento no discurso do

⁴⁷ O fraseologismo é: *tarde e a más horas*.

frasema e, depois, este provoca a leitura literal pelo viés da utilização de um dos seus consituíntes:

«Se há funcionários [guardas prisionais] que *fecham os olhos*, só têm uma solução: *abri-los*! Porque, ao *fechar os olhos*, estão a ser cúmplices de práticas intoleráveis e isso contribui para um crime de suspeição de que eles próprios também são vítimas. Nós precisamos de fazer um esforço de demonstração perante a sociedade de que a maioria dos funcionários dos serviços prisionais é gente honesta, trabalhadora, que quer desempenhar bem o seu papel. É esse clima de suspeição que temos de afastar» (João Figueiredo [director geral dos Serviços Prisionais], in: *Visão*, 21.10.2001)

Ou ainda pode haver um jogo de espelho entre o frasema e a perífrase equivalente, em que se dá a recuperação de um dos seus elementos constitutivos, por exemplo, o colocativo (*perder*):

«Quando *se perde o fio à meada* [título]. Se para muitas pessoas a noção de tempo é algo puramente pessoal ... são várias as doenças em que *as pessoas perdem a noção do tempo*» (Célia Rosa, in: *Notícias Magazine*, 4.11.2001).

Isto é, *perder o fio à meada* é interpretado num dos múltiplos sentidos possíveis (“perder a noção do tempo” por parte das pessoas idosas). Mas a flexão e a gramática – no seu sentido tradicional (as “partes orationis”) – permitem ainda outras possibilidades, como, por exemplo, alteração na categoria gramatical:

«Uma das coisas que, a mim, mais me agradam e que eu gostaria de fazer era corromper a língua. A primeira condição para escrever bem é saber gramática, a segunda é esquecê-la. Em tudo quanto se ama há o desejo de corromper. Corromper no bom sentido, de estragar descobrindo... Quando uma pessoa diz uma expressão como esta – apanhei uma expressão bonita – “*coisíssima nenhuma*”, não há nada de mais belo, de mais difícil de dizer: transforma um substantivo num adjectivo, põe-no em superlativo. “*Coisíssima nenhuma*” é a aniquilação de tudo, nunca se disse nada tão bonito e é isso que se diz na rua» (José Cardoso Pires – Entrevista dada a Ana Sousa Dias, in: *Público-Magazine*, 19.6.94, pg. 32)

Há ainda outras variações possíveis, como elisão de sequências exigidas por frasesmas que se completam dentro do chamado período hipotético:

«Ao princípio, o escritor não estava a dizer nada de importante, portanto eu não estava a dar-lhe grande atenção... Mas de repente... *Eu seja cão*. Tenho a certeza de que não foi alucinação minha» (Clara Pinto Correia, in: *Visão*, 31.10.2001)

em que apenas se anuncia o início de expressão fixa, aliás a única que é fixa – *eu seja cão* – faltando a outra parte, a parte livre. Mas a simples adequação

flexional dos fraseologismos ao cotexto não é, nem de longe nem de perto, a parte mais importante da adequação. Apenas para adiantar algo do que vamos explicar na alínea seguinte, o frasema serve de ponto de partida para a continuação do texto:

«Guterres terá dado garantias a Artur Santos Silva de que o ministro não *pisaria o risco* nas explicações ao Parlamento. Pois bem: Carrilho apareceu eriçado diante dos deputados e *partiu ainda mais loiça*. Os *cacos*, esses chegaram ao gabinete do engenheiro» (Independente, 19.11.2001)

em que *partir a loiça* se continua, nos *cacos* obtidos na recuperação da imagem dos elementos externos da expressão homonímica (sentido literal) de *partir a loiça*. Os “cacos” são projectados discursiva e anaforicamente – um dos tipos de anáfora associativa – para dar continuidade ao palco imagético iniciado no frasema.

7. Conclusão ou o “estado e o modo de ser do mundo idiomático”

A fraseologia, como disciplina linguística, compreende um conjunto de formas craterizadas pela fixidez, polilexicalidade, idiomaticidade, fraseologização ou lexicalização e abrange um leque de expressões que vão desde o frasema (ou fraseologismo) típico até formas mais amplas, o equivalente a frases ou sentenças (e porventura, a pequenos textos: os provérbios). Mesmo no frasema típico – aquele em que todos os elementos componentes da expressão perdem a sua autonomia e conteúdo em favor da fusão –, há ainda expressões em que os elementos só existem no frasema (nem chus nem bus, nem funfas nem funetas) e aquelas em que os elementos têm uso externo (fora da expressão idiomática) e uso interno (próprio do idiomatismo).

Por outro lado, a fixidez é (quase) sempre relativa: pode haver adequação ao contexto e ao co-texto (flexão, variação estrutural, etc.) e sobretudo uma capacidade de integração no texto/discurso por força da fixidez memorizada na comunidade linguística, permitindo desmotivações e remotivações e, pelo seu potencial comunicativo, dar azo à desocultação (por meio de implícitos, pressupostos e inferências) da atitude do falante. O modelo em que se inscreve a fraseologia dá possibilidade ao falante/escrivente de dizer muito mais do que aquilo que as palavras dizem e ao ouvinte/leitor de entender muito mais do que a materialidade fónica afirma.

Num autor concreto, vimos a importância das fraseologias na construção do texto: os narizes de cera, as rotinas mentais, os estereótipos do autor (e da comunidade linguística em que ele se insere) são facilmente detectados: neste

caso, é mesmo o meio mais fácil de surpreender a atitude do autor perante a vida. A fraseologia é o modo normal de ser e estar perante a língua e o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR-AMAT CASTILLO, A. de – *Las colocaciones de nombre y adjetivo. Un paso hacia una teoría léxico-semántica de la traducción*, Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, Servei de Publicacions, 1993.
- ALONSO RAMOS, M. – *Las Funciones Léxicas en el modelo lexicográfico de I. Melcuk*, Madrid: UNED, 1993.
- BOGGARDS, P. – «Dictionnaires pédagogiques et apprentissage du vocabulaire», in: *cahiers de lexicologie*, LIX, II (1988), 93-167.
- BRAVO, Nicole Fernandez/Behr, Irmtraud/Rozier, Claire (eds.) – *Phraseme und typisierte Rede*, Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1999.
- CACCIARI, Cristina/Tabossi, Patrizia (eds.) – *Idioms. Processing, structure, and interpretation*, Hillsdale, New Jersey, Hove and London: Lawrence Erlbaum, 1993.
- CALDERON CAMPOS, M. – *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*, Granada: Universidad de Granada, 1994.
- CARDOSO, Miguel Esteves (MEC) – *Explicações de Português*, Lisboa: Assírio e Alvim, 2001.
- COSERIU, Eugen – *Principios de semántica estructural*, Madrid: Gredos, 1977.
- COSERIU, E. – *Teoria da Linguagem e Linguística Geral. Cinco estudos*, Rio de Janeiro, Presença/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- COWIE, A. P. – *Phraseology. Theory, Analysis, and Application*, Oxford: Clarendon Press, 1998.
- DANES, F. – «The relation of centre and periphery as a language universal», in: *TCLP, II: Le problème du centre et de la périphérie du système de la langue*, 1966, pp. 9-21.
- DANLOS, L. (ed.) – «Les expressions figées», in: *Langages*, 90 (1988), Paris: Larousse.
- ETTINGER, S. – «Formación de palabras y fraseología en la lexicografía», in: Haensch et al. 1982: 233-258.
- FERNANDO, C. – *Idioms and idiomaticity*, Oxford: O. U. P., 1996.
- FLEISCHER, Wolfgang – *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*, Leipzig: WEB, 1982.
- GROSS, Maurice – «Une classification des phrases figées en français», in: *Actes du Colloque de Rennes*, Amsterdam: Benjamins, 1982.
- GROSS, Maurice – «Les limites de la phrase figée», in: *Langages*, 90 (1988).
- HAENSCH, G./Wolf, L./Ettinger, S. – *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*, Madrid: Gredos, 1982.
- HUTCHINS, W. J./Sommers, H. L. – *Introducción a la traducción automática*, Madrid: Visor, 1995.
- LAKOFF, G./Johnson, M. – *Metáforas de la vida cotidiana*, Madrid: Cátedra, 1991 (1970).
- LAPA, M. Rodrigues – *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra: Coimbra editora, 1984.
- MELCUK, I. A./Clas, A./Polguère, A. – *Introduction à la Lexicologie Explicative et Combinatoire*, Louvain-la-Neuve: Duculot, 1995.
- MOON, Rosamund – *Fixed expressions and idioms in English*, Oxford: Clarendon, 1998.
- PALM, Christine – *Phraseologie. Eine Einführung*, Tübingen: Narr, 1995.
- PASTOR, Gloria Corpas – *Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español*, Universidad de Málaga (Servicio de publicaciones e intercambio científico), 1995.

- PASTOR, Gloria Corpas – *Manual de fraseología*, Madrid: Gredos, 1996.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte – *A unidade lexicográfica*. Palavras, colocações, frasesmas.
- SCHEMANN, Hans e Schemann-Dias – *Dicionário idiomático português-alemão / Portugiesisch-deutsche Idiomatik*, Braga: livr. Cruz/Max Hueber Verlag, s/d.
- THUN, Harald – *Probleme der Phraseologie*, Tübingen: Niemeyer, 1987.
- URBAN, W. M. – *Language and reality. The philosophy of language and the principles of symbolism*, London-New York, 1951.
- VILELA, Mário – *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Coimbra: Almedina, 1999.
- VILELA, Mário – *Estudos de lexicologia do português*, Coimbra: Almedina, 1994.
- WIMMER, Rainer/Berens, Franz-Josef (orgs.) – *Wortbildung und Phraseologie*, Tübingen: Narr, 1997.
- WOTJAK, Barbara – *Verbale Phraseolexeme im System und Text*, Tübingen: Niemeyer, 1992.

